

O batismo de Vladimir e as relações entre os Rus' e o Império Bizantino no fim do século X.

Fabrcio de Paula Gomes Moreira*

Resumo: Este artigo pretende discutir o batismo do Grão-príncipe Vladimir e de seus súditos no âmbito das relações internas e externas do principado de Kiev no século X. Pretendo elucidar as possíveis razões para que o soberano Rus' adotasse o cristianismo ortodoxo, tal como praticado no Império Bizantino, a partir da análise e comparação da *Crônica dos tempos passados*, compilação elaborada em meados do século XI por monges de Kiev; ao tratado *De Administrando Imperio*, do imperador bizantino Constantino VII Porfirogeneta e à Cronografia, do pensador bizantino Miguel Psellus. O objetivo da análise é demonstrar o quão múltipla era a decisão do príncipe Rus': religiosa, mas também política, militar e econômica.

Abstract: This paper intends to discuss the baptism of the Great-prince Vladimir and his subjects in the scope of the internal and external relations on the 10th century Principality of Kiev. I wish to elucidate the possible reasons for the adoption of Orthodox Cristianism, as practiced in the Byzantine Empire, by the Rus' sovereign based on the analysis and comparison of the *Tale of Bygone Years*, compilation elaborated on the mid 11th century by Kievan monks; the treatise *De Administrando Imperio*, of the byzantine emperor Constantine VII Porphirogenitus and to the *Chronographia* of Miguel Psellus. The purpose of the analysis is to demonstrate how multiple was the decision of the Rus' prince: religious, but also political, military and economic.

Na comemoração dos 1000 anos da cristianização da Rússia, a publicação da UNESCO “*O Correio*” trouxe uma matéria sobre o milenário do batismo do grão-príncipe Vladimir. Nesta, Boris V. Rauschenbach discute o acontecimento a partir de uma perspectiva nacionalista e comemorativa, enfatizando questões econômicas e sociais diante dessa atitude, inicialmente religiosa. Note-se na passagem: “Seu objetivo

* Bacharel em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Membro do Núcleo de Estudos Medievais Oriente – Ocidente (NEMOO/UFOP). E-mail: fabrcio.moreirahis@gmail.com

[o de Vladimir] era colocar seu principado em pé de igualdade com as monarquias feudais mais adiantadas de sua época, o que implicava profundas transformações”¹.

Diante de um discurso tão profundamente etapista sobre o principado que então se criava na Rússia medieval, são pertinentes algumas indagações, mas antes uma ressalva deve ser feita. Vladimir com certeza não saberia avaliar a situação internacional a partir dos conceitos trabalhados pelas modernas humanidades, dessa forma o grão-príncipe Vladimir (ou o narrador de suas ações) estava encobrendo interesses diferenciados daqueles com os quais negociou com o Império bizantino? Ou trata-se de uma concepção de mundo diferente da nossa, que não matizava tanto as esferas da vida social e, portanto, tendia a interagir nessas esferas sem separá-las?

A partir dessas indagações discutirei nesse artigo os acontecimentos que culminaram com o batismo do Grão-príncipe Vladimir e de seus súditos no âmbito das relações internas e externas do principado de Kiev no século X. Recorrendo principalmente à *Crônica dos Tempos Passados*, escrita no início do século XI no Monastério das Cavernas de Kiev e ao tratado *De Administrando Imperio* do imperador bizantino Constantino VII Porfirogeneta e a outros relatos, buscarei entender as possíveis razões para que o soberano Rus’ adotasse essa nova religião, pensando essa atitude como uma decisão religiosa, mas também política, militar e econômica.

Fontes²

A *Crônica* suscita problemas de difícil solução tanto no que diz respeito à cronologia de sua compilação, quanto no aspecto da(s) autoria(s). Donald Ostrowski elenca pelo menos sete versões da mesma, que remetem diretamente a um texto original que não teria chegado até nós (OSROWSKY, 2003: 02), enquanto Simon Franklin trabalha principalmente com três: a Laurentiana, a Hipatiana, e a Primeira Crônica de Novgorod (FRANKLIN, 1991: 1708) A versão a que temos acesso é a Laurentiana, traduzida para a língua inglesa por Samuel H. Cross e Olgerd P. Sherbowitz-Wetzor. Essa versão é considerada por Roger Portal como “a versão definitiva” datada de 1377 (PORTAL,

¹ O batismo de Kiev: o nascimento de uma nação *O Correio*. N. 8, Ano 16 Agosto 1988. A adição entre colchetes é nossa.

² Doravante, a *Crônica dos Tempos Passados* será referida como *Crônica* e o *De Administrando Imperio* será abreviado para DAI.

1968: 37). Mas de acordo com os tradutores do texto Laurentiano a crônica começou a ser compilada na segunda metade do século XI e foi terminada na segunda década do século XII. Dessa forma, 1377 seria a data de cópia do manuscrito mais antigo contendo o texto Laurentiano que chegou até nossos dias.³ Durante muito tempo, pensou-se que era de autoria de um monge - Nestor. Porém, pesquisas no século XIX colocaram em cheque a certeza de sua autoria, ao perceber extrapolações e intersecções de textos com dinâmicas e estilos diferentes. Samuel Cross, na introdução da tradução da *Crônica* para o inglês, que por ora utilizamos, lembra o trabalho dos filólogos A. A. Shakhmatov e V. M. Istrin, que chegaram a conclusões diferentes sobre os textos ali contidos. Contudo, ante a completa ausência de testemunhos, nada pode ser dito com certeza quanto à autoria desse texto ou de qualquer outro protótipo anterior; e concentrar esforços nesse sentido não seria, para Cross, nada “além de uma insignificante contribuição para o estudo desse venerável monumento.” (CROSS, 1968: 23).

A compilação contém os únicos textos escritos sobre os tratados e as relações Russo-Bizantinas do século X, relatos de ataques russos a Constantinopla, contos semilendários de príncipes russos e suas relações com os povos vizinhos e entre si, o relato do batismo de Vladimir e o saque da cidade de Querson, na Criméia (FRANKLIN, 1991: 1708). Considerada uma referência da recepção da literatura bizantina na Rússia por integrar diversas citações de autores bizantinos, é baseada em diversas fontes, russas ou estrangeiras e composta de acordo com o tempo Constantinopolitano (com a cronologia começando na data estimada do dilúvio bíblico). O objetivo da *Crônica* é “localizar os Rus’ na história universal e traçar o desenvolvimento da dinastia Riuríkida” (FRANKLIN, 1991: 1708). É considerada a base para a literatura cronográfica russa, o que seria facilmente perceptível, tendo em vista que este texto mais ou menos uniforme se encontra incluído em todas as crônicas posteriores, com algumas inserções de informações mais localizadas, quando se tratam de crônicas de outras cidades (CROSS, 1968: 3).

Já a obra bizantina *DAI*, escrita pelo imperador bizantino Constantino VII Porfirogeneta e direcionada a seu filho, o futuro imperador Romano II, composta entre 948 e 952 d.C, aproximadamente, consiste em uma série de considerações e

³ É importante ressaltar que o texto Laurentiano é assim chamado por ter sido copiado por um monge chamado Lourenço, Lavrenty em russo. A data aproximada para a elaboração da cópia foi estipulada por Cross e Wetzor entre 14 de janeiro e 20 de março de 1377 (CROSS, 1968: 4).

informações acerca das relações internacionais estabelecidas entre o Império Bizantino e outras nações e qual seria a melhor maneira de se posicionar nessa situação. Para isso, o autor faz uso de vários tipos de fontes, desde materiais sigilosos até lendas (MORAVCSIK, 1993: 11).

Seu objetivo era auxiliar seu filho no governo do Império⁴, e o próprio Constantino VII julgava a necessidade de se posicionar como um imperador bizantino deveria (ou seja, seguindo o padrão do cerimonial bizantino, bem como a concepção do cargo de Imperador), mas também aliava a esta necessidade, a dinâmica das relações internacionais nas quais o Império Bizantino estava envolvido (TAVEIRA, 2008: 30).

Posta esta dupla base de construção textual, o autor se dedica a trabalhar quatro temas diferentes: o primeiro, a política estrangeira onde esta se encontrava nas situações mais complicadas, que correspondiam ao Leste Europeu e à Europa Central, as "nações do Norte e dos Citas" (*ti ethnos ton Boreíon kai Skytikon*); o segundo, uma exposição sobre como lidar com as nações dessa região; o terceiro, um exame histórico e geográfico das nações circundando o Império, desde os Sarracenos no sudeste, até os Armênios na fronteira oriental, passando por várias nações do Mar Mediterrâneo e do Mar Negro; no último, temos observações acerca da história, política e organização interna do Império no contexto da escrita da obra, e ainda uma longa história da cidade de Querson, na Península da Criméia (TAVEIRA, 2008: 31).

Ocupação

Após essa breve discussão sobre as fontes, é importante recuar um pouco no tempo e traçar um panorama geral da presença de varângios suecos (Rus´) e seu encontro com as populações nativas da planície russa, que hoje é parte do território de três países: Rússia, Bielo-Rússia e Ucrânia e que constitui o cenário deste estudo. A chegada dos varângios é considerada por alguns historiadores como o marco fundamental na composição étnica da região, bem como de sua organização em principado. Tal como afirma Zalduendo,

⁴ Este tratado, como tantos outros do Medievo e da Antigüidade, discute o bom governo e as melhores maneiras de se posicionar internacionalmente. O diferencial do *DAI* é o realismo com o qual o imperador trata essas questões, o que difere drasticamente de sua postura oficial. Como era o governante supremo da cristandade segundo a propaganda imperial, pelo menos nominalmente e em cerimonial, sua postura tendia a ser muito mais “arrogante” e “prepotente”, entre aspas pois isso não era uma característica pessoal dos imperadores, mas do título que portavam.

En resumen la evidencia de la expansión del dominio, la urbanización de los siglos VI-IX y la formación de un estado en Rusia se basa en tres elementos básicos: [...] se advierte una reorientación de las rutas comerciales que ahora muestran fuertes lazos con pueblos escandinavos y que atrajeron a los vikingos; y tercero, la formación de centros urbanos. Ya en el año 864 las *Crónicas de Novgorod hablan de los habitantes "novgorodinos descendientes de varegos"* (ZALDUENDO, 2003: 40).⁵

Povos comerciantes, os varângios saíram de suas terras na Suécia em busca de novas possibilidades de trocas de mercadorias e de comércio de escravos para abastecer suas necessidades. O historiador argentino Eduardo Zalduendo argumentou em sua obra *Las Seis Rusias* (2003: 37) que os varângios, experimentados na arte da navegação e da guerra, tenham se dirigido para o Leste europeu por considerá-lo um importante entroncamento comercial e como via de contato entre o Oriente e o Ocidente. Ao chegar à região da Planície Russa⁶, encontram uma população composta por várias etnias, mas com maioria eslava, que necessita parar com suas guerras internas e por isso recorrem aos próprios varângios, pedindo para que governem seu país: “Our land is great and rich, but there is no order in it. Come to rule and reign over us” (CROSS, 1968: 59)⁷.

Com esse vínculo, começa oficialmente a entrada e o domínio dos varângios suecos (Rus') nessa região. Estabeleceram possessões em cidades do norte da planície, controlando o acesso do continente pelo Mar Báltico e as vias comerciais dos rios. Vale ressaltar que esses Varângios logo procurariam expandir essas rotas comerciais, começando a avançar rumo ao sul, conquistando várias cidades, dentre as quais a principal, Kiev, que mais tarde se tornaria a capital, a “mãe de todas as cidades russas” tal como afirma a *Crônica* (CROSS, 1968: 59). Assim eles começam a se assentar nessa região. Seus barcos podiam, caso necessário, ser transportados a pé, o que ajudava a cruzar o Dnieper, (um dos rios usados como rotas comerciais); porém esse transporte terrestre os deixavam vulneráveis a ataques de tribos locais, principalmente dos Pechenegues, povos turcos que teriam uma participação fundamental em

⁵ Em resumo, a evidência da expansão do domínio, a urbanização dos séculos VI-IX e a formação de um estado na Rússia se baseia em três elementos básicos: [...] se nota uma reorientação das rotas comerciais que agora mostram fortes laços com povos escandinavos e que atraíram os vikings; e, terceiro, a formação de centros urbanos. Já no ano 864 as *Crônicas de Novgorod falam dos habitantes "novgorodianos descendentes de varângios"* (Tradução nossa).

⁶ (tal como é chamada hoje, no entanto, durante esse período a região não tinha um nome em especial). Um entre vários usados era *Grdariki*, ou “País das cidades” (PORTAL, 1968: 41).

⁷ “Nossa terra é grande e rica, mas não há ordem nela. Por favor, venha governar e reinar sobre nós” (Tradução nossa).

acontecimentos posteriores (STEPHENSON, 2000: 53).

Diante de tal situação, com a chegada e o estabelecimento dos varângios suecos e a construção de uma soberania deles sobre as rotas comerciais da região, notadamente o caminho sarraceno (pelo rio Volga) e o caminho grego (pelo Rio Dnieper) fica estabelecido o ponto de partida para a construção de um principado russo medieval. Tal como salienta Obolensky, o termo Rus' passa por uma transformação significativa entre os séculos X e XII:

...It designated the Swedish Vikings, or Varangians, who used the Volga and later the Dnieper for their trading expeditions to the south, and who gained control towards the middle of the ninth century over the greater part of the Baltic Sea river route; it occasionally referred both to the Varangians and to their East Slavonic subjects who, it will be recalled, then occupied the western and some of the central areas of what is termed today European Russia; and it gradually acquired a geographical connotation, designating the territory in question (inhabited by Finnic tribes as well as by the Eastern Slavs) over which the Vikings held sway (OBOLENSKY, 1971: 180-181).⁸

Qual é o significado histórico da transformação deste termo? Os Varângios (Vikings) claramente fundiram a si mesmos e outras populações em uma entidade única e esta fusão também foi étnica. Contudo houve muita discussão nos meios acadêmicos quanto a um fator predominante nesse processo de fusão. As teorias normandista e anti-normandista foram por muito tempo, o centro dos debates sobre a Rússia medieval. Enquanto historiadores de origem germânica e escandinava ressaltavam a importância do elemento Varângio (Viking) na formação do principado Russo medieval, os anti-normandistas ressaltavam as bases eslavas que já estavam constituídas quando do estabelecimento destes varângios na Europa Oriental. Como salienta Thomas S. Noonan os partidários do normandismo e anti-normandismo, pensando a história sob uma ótica nacionalista, apenas distorceram e retardaram as pesquisas sobre o principado russo medieval (NOONAN, 1999: 506).

Ainda concordando com os autores supracitados, entendemos os Rus' como um grupo multi-étnico de mercadores e mercenários, que atuaram nesse contexto como

⁸ ...Designava os Vikings Suecos, ou Varângios, que usaram o Volga e mais tarde o Dnieper para suas expedições comerciais rumo ao sul, e que ganharam o controle, em meados do século IX, sobre a maior parte da rota fluvial do Mar Báltico; ocasionalmente se referia tanto aos Varângios e a seus súditos Eslavos do Leste que, como será lembrado, então ocupavam o Oeste e algumas das áreas centrais do que hoje é chamada Rússia Européia; e gradualmente adquiriu uma conotação geográfica, designando o território em questão (habitado por tribos Fínicas, assim como pelos Eslavos do Leste) sobre os quais os Vikings detinham soberania (Tradução nossa).

aglutinadores de diversas culturas e modos de sobrevivência em uma entidade unificada (NOONAN, 1999: 505-506) que se mantinha quase sempre pela força com o objetivo declarado de controlar o comércio que era praticado nas rotas fluviais da planície russa (PIPES, 1977: 29).

O batismo

Chegando ao tema principal deste estudo, faz-se necessário remontar aos eventos que culminaram com a cristianização. Nem a *Crônica*, nem o *DAI* abordam esse ponto com intensidade; portanto, outras fontes são bem vindas. Para tanto, faremos referência, ainda que brevemente, ao trabalho de Miguel Psellus que escreveu, no final do século XI, um relato sobre a situação política do Império Bizantino, iniciando com o governo de Basílio II (976-1025). Este passava por uma situação difícil, pois após sofrer derrotas humilhantes diante dos búlgaros, foi obrigado a enfrentar duas revoltas internas, que culminaram em guerra civil: a de Bardas Sclerus e posteriormente a de Bardas Fócas (SEWTER, 1953: 29).

Na revolta de Bardas Sclerus, membro de uma rica e importante família bizantina, o imperador foi salvo pela perícia militar de Bardas Fócas, veterano general bizantino. No entanto este, em pouco tempo, fica descontente com a negligência com que lhe trataram nas cortes e se rebela contra o Imperador, com o auxílio de Bardas Sclerus (SEWTER, 1953: 34). A situação de Basílio II se torna então desesperadora. Com Fócas contando com o apoio de tropas Ibéricas e conquistando toda a Ásia menor, o imperador recorre a um tratado assinado em 971 entre o então imperador Nicéforo Focas (do qual Bardas Fócas era descendente) e o grão-príncipe russo Sviatoslav, pai do grão-príncipe Vladimir. Naquela ocasião, Sviatoslav prometia amizade e suporte militar aos bizantinos. Contudo, recorrer a um juramento feito por um príncipe que já havia ignorado tratados anteriores com certeza deve ter sido uma decisão difícil. É a partir daqui que as explicações e modelos factuais discordam entre si.

Há uma versão mais ou menos uniforme que é aceita pela ampla maioria dos especialistas (MARTIN, 1995: 07). Acredita-se que, diante desse cenário de revoltas internas e instabilidade Basílio II negociou suporte militar junto a Vladimir e ofereceu sua irmã Ana Porfirogeneta em casamento ao grão-príncipe russo, nas seguintes

condições: além dos soldados necessários para ajudar o imperador, Vladimir se tornaria cristão, bem como todos os seus súditos. Vladimir aceitou a proposta do imperador e enviou 6000 homens para defender Basílio. No entanto, este não cumpriu sua parte no acordo - enviar sua irmã Ana para se casar com Vladimir.

Como atesta o *De Administrando Império*, havia então uma tradição que proibia membros da família imperial bizantina de se casarem com estrangeiros:

...For if any nation of these infidel and dishonourable tribes of the north shall ever demand a marriage alliance with the emperor of the Romans, and either to take his daughter to wife, or to give a daughter of their own to be wife to the emperor or to the emperor's son, this monstrous demand of theirs also you shall rebut with these words, saying: 'Concerning this matter also a dread and authentic charge and ordinance of the great and holy Constantine is engraved upon the sacred table of the universal church of the Christians, St. Sophia, that never shall an emperor of the Romans ally himself in marriage with a nation of customs differing from and alien to those of the Roman order, especially with one that is infidel and unbaptized (MORAVCSIK, 1967: 70-71).⁹

Diante desse atraso de Basílio II em cumprir suas obrigações, Vladimir ataca e toma a cidade bizantina de Querson (localizada na Península da Criméia), ameaçando fazer o mesmo com Constantinopla. Basílio é então obrigado a ceder e envia sua irmã Ana junto com vários religiosos bizantinos que vão preparados para batizar Vladimir e a população de Kiev (MARTIN, 1995: 08).

Essa versão é contestada por Andrzej Poppe, que acredita que o Imperador Basílio II honrou seus compromissos com Vladimir. Segundo este autor, Vladimir já estava casado com a princesa Ana Porfirogeneta quando tomou a cidade de Querson. Tal cidade teria sido atacada por ter se aliado aos rebeldes liderados por Focas. A referida cidade, como atesta Constantino VII em várias passagens no *De Administrando Imperio*, já havia demonstrado tendências separatistas. Tal como quando o Sptarocandidato¹⁰ Petronas fora designado para construir a Fortaleza de Sarkel para os

⁹ ...Caso um dia qualquer nação daquelas infieis e desonradas tribos do norte demande uma aliança matrimonial com o imperador dos Romanos, seja para tomar sua filha por esposa, ou dar sua filha para ser esposa do imperador ou do filho do imperador, a essa demanda monstruosa deles você deve responder com essas palavras, dizendo: 'A respeito dessa matéria há um pavoroso e autêntico comando e ordenança do grande e santo Constantino, gravada sobre o altar sagrado da igreja universal dos Cristãos, Santa Sofia, que um imperador dos Romanos nunca deverá se aliar em matrimônio com uma nação de costumes diferentes de e alheios à ordem Romana, especialmente com uma que é infiel e não batizada' (Tradução nossa).

¹⁰ Aspirante a general, em grego.

Kázáros¹¹ e teve de buscar materiais para a construção nas margens do Mar Negro, nas proximidades de Querson, esta foi sua opinião sobre os magistrados da cidade: “If you wish to complete mastery and dominion over the city of Querson and of the places in Querson, and not that they should slip out of your hand, appoint your own military governor and do not trust to their primates and nobles”(MORAVCSIK, 1967: 185).¹² Houve então, para Poppe, um acordo mais complexo e nessa época já se encontravam em Kiev os clérigos provenientes de Querson, responsáveis pelo batismo da população da cidade, que estava em preparação (POPPE, 1976: 228-230).

Um argumento importante baseia as idéias desse autor: como ficou célebre na historiografia, as tropas enviadas por Vladimir a Constantinopla permaneceram a serviço do imperador. Essa permanência sugere, para ele, que o acordo fora cumprido e dessa forma a captura de Querson foi previamente acordada entre o príncipe russo e o imperador bizantino. Mais uma vez recorremos ao *DAI*, que sugere claramente que, caso necessário, um bloqueio econômico-militar deveria ser feito para manter o controle sobre a cidade de Querson:

...If ever the men of the city of Cherson revolt or decide to act contrary to the imperial mandates, then all Chersonite ships at Constantinople must be impounded with their cargoes, and Chersonite sailors and passengers must be arrested and confined in the gaols; and then three imperial agents must be sent: [...] in order to take possession of all Chersonite ships, and to impound the cargo and the ships, and to arrest the men and confine them in public prisons, and to report upon these matters and as they may be instructed. Moreover, these imperial agents must forbid the Paphlagonian and Boukellarian merchant-ships and coastal vessels of Pontus to cross to Cherson with grain or wine or any other needful commodity or merchandise. Then, the military governor too must be instructed to sequester the ten pounds of tribute, and then the military governor must withdraw from Cherson and go to another city and take up residence there.

If the Chersonites do not journey to Romania and sell the hides and wax they get by trade from the Pechenegs, they cannot live.

If grain does not pass across from Aminosos and from Paphlagonia and the Boukellarioi and the flanks of the Armeniakoi, the Chersonites cannot live (MORAVCSI, 1967: 287).¹³

¹¹ Outro povo que habitou a região e constituiu um Kanato na região sul da Planície Russa. Teve participação fundamental em acontecimentos anteriores, no entanto, à época do batismo de Vladimir, seu estado se encontrava em um processo de decadência do qual não se desvencilhou (NOONAN, 1999: 503).

¹² Se você deseja controlar e dominar completamente a cidade de Querson e os lugares em Querson, e que eles não saiam de suas mãos, aponte seus próprios governadores militares e não confie em seus primados e nobres (Tradução nossa).

¹³ Se algum dia os homens da cidade de Querson se revoltarem ou decidirem agir contrariamente aos mandatos imperiais, então todos os navios Quersonitas em Constantinopla devem ser apreendidos com suas cargas e os marinheiros e passageiros Quersoniotas devem ser presos e confinados nas cadeias. Então três agentes imperiais devem ser enviados [...] para tomar posse de todos os navios Quersonitas, e

Também podemos notar na *Crônica* que em negociações anteriores feitas entre os bizantinos e os russos, o distrito de Querson já era objeto de preocupação da parte dos imperadores:

And concerning the country of Cherson and all the towns in that region the Russian Prince does not have the right to wage war against them. But if that country does not submit itself to us, then if the Russian prince asks us for soldiers to wage war, we shall give him as many as he needs (POPPE, 1976: 239).¹⁴

Nota-se então que a cidade desempenhou um papel chave na ratificação do acordo russo-bizantino. Foi de Querson que o príncipe Vladimir levou os ícones e relíquias necessárias para começar a construir a igreja russa (POPPE, 1976: 239), além do clero russo que inicialmente fora constituído por religiosos dessa cidade (CROSS, 1953: 116).

Após essa discussão sobre a construção de versões para a sucessão de eventos que culminou no batismo de Vladimir é necessário discutir as intenções de Vladimir. Já se falou sobre o contexto do Imperador bizantino, que se via em meio a uma revolta aberta, correndo risco de perder sua posição. Contudo, o que levou Vladimir a tomar parte nessa situação?

Em princípio, é necessário falar um pouco sobre a situação do grão-príncipe russo. Ele passou por problemas para confirmar seu parentesco direto com o semilendário Riurik, fundador da dinastia dos príncipes da Rússia (CROSS, 1968: 87). Com o intuito de legitimar seu poder como grão-príncipe, após sair vitorioso de guerras com seus irmãos, Vladimir precisou de um elemento que legitimasse seu reinado. Diante disso buscou amparar a base de seu poder reunindo as práticas religiosas (de origens muito diversas) de seus súditos.

apreender a carga e as naus, e prender os homens e confiná-los em prisões públicas, e reportar sobre essas matérias como eles devem ser instruídos. Além disso, esses agentes imperiais devem proibir que os navios mercantes Panflagônios e Bucelários e as barcas costeiras do Ponto viagem para Querson com grãos ou vinho ou qualquer outra matéria prima ou produto necessário. Então, o governaor militar também precisa ser instruído para sequestrar as dez libras de tributo, e então o governador militar precisa sair de Querson e ir para outra cidade, tomando residência lá.

Se os Quersonitas não viajarem para a România e venderem suas peles e cera que eles adquirem pelo comércio com os Pechenegues, eles não podem viver.

Se o grão não passa de Aminsos e da Panflagônia e dos Bucelários e dos flancos dos Armênios para lá, os Quersonitas não podem viver (Tradução nossa).

¹⁴ “E a respeito da cidade de Querson e todas as cidades naquela região, o Príncipe Russo não tem o direito de fazer guerra contra elas. Mas se aquela nação não se submeter a nós, então se o Príncipe Russo nos pedir soldados para fazer guerra, deveremos lhe dar quantos ele precisar” (Tradução nossa).

Para isso ele ordenou a construção de ídolos nas colinas dos arredores de Kiev, em honra aos deuses adorados pela população. (NOONAN, 1999: 510). Logo após, o príncipe russo recebe delegações de religiosos de vários cultos que vem oferecer-lhe, cada um, a sua própria fé. Eis que ele se maravilha com a eloquência do bispo bizantino e já se inclina a aceitar a religião cristã ortodoxa. Contudo deixa a decisão para um momento mais oportuno. Em outra passagem da *Crônica*, Vladimir envia alguns de seus subordinados para visitar os locais de prática desses outros cultos, onde mais uma vez a religião bizantina se lhes aparece como a prática religiosa mais gloriosa e mais apreciável:

...Then we went on to Greece, and the Greeks led us to the edifices where they worship their God, and we knew not whether we were in heaven or on earth. For on earth there is no such splendor or such beauty, and we are at a loss how to describe it. We know only that God dwells there among men, and their service is fairer than the ceremonies of other nations. For we cannot forget that beauty. Every man, after tasting something sweet, is afterward unwilling to accept that which is bitter, and therefore we cannot dwell longer here (CROSS, 1968: 111).¹⁵

Pensar no batismo dos russos como um ato concreto que acontecera à beira do Dnieper conduz a uma reflexão sobre a natureza do poder do príncipe. É importante ressaltar que o cristianismo já estava se difundindo na Rússia há pelo menos um século. Há um relato que expõe essa difusão quando Igor e seus homens juraram cumprir o tratado assinado com o imperador bizantino na década de 940, bem como a avó de Vladimir, Olga, que se batizou na década de 950. Dessa forma, já havia condições para que a mensagem do cristianismo fosse mais aceita na corte de Vladimir, bem como pela população urbana, que já tinha um contato maior com missionários e religiosos que pregavam a fé cristã (POPPE, 1976: 243).

Já Thomas Noonan, historiador dedicado ao estudo da Rússia Européia no período medieval traz outra questão à tona: para ele o principado governado por Vladimir era muito heterogêneo. Vários grupos étnicos e religiosos estavam sob sua autoridade, além de se encontrarem em diferentes configurações socioeconômicas. Portanto, Vladimir

¹⁵ “Fomos então à Grécia, e os Gregos nos levaram aos edifícios onde eles adoram seu Deus, e não sabíamos onde estávamos se no céu ou na terra. Por que na terra não há tanto esplendor ou tanta beleza e não sabemos como descrever. Sabemos apenas que Deus lá habita entre os homens, e o serviço deles é mais justo do que as cerimônias de outras nações. Não podemos esquecer aquela beleza. Todo homem, após provar algo doce, não quer, depois, aceitar aquilo que é amargo e dessa forma, não podemos permanecer aqui” (Tradução nossa).

necessitava de uma força coesiva que uniria seus súditos e legitimaria seu poder (NOONAN, 1999: 510). Podemos então, entender a sua conversão ao cristianismo como um esforço de manutenção de seu poder e a inclusão do principado russo na rede de relações constituída pela adoção de uma religião. Noonan acredita que graças ao esforço de Vladimir em legitimar a sua autoridade por meio da religião, seu descendente Iaroslav pode constituir uma das maiores redes de relações, bem como um dos maiores e mais avançados estados em toda a Europa (NOONAN, 1999: 513).

Este estudo procurou desenvolver as relações entre o Principado Rus', sediado em Kiev e o Império Bizantino. O que se viu nessas linhas foi uma introdução nessa área de estudos tão pouco (ou nada) estudada em nosso país. Portanto, explorar esse tema pode vir a trazer significativas contribuições para o pensamento histórico. A experiência religiosa, tal como é concebida pela sociedade ocidental em nossos dias, é confinada na esfera do sobrenatural, e seu entrelaçamento com outras subdivisões da vida contemporânea é sempre encarado com desconfiança. Tal separação é inconcebível nos modelos orientais de religiosidade, onde política e religião estão entrelaçadas profundamente. Dessa forma, o que se vê no batismo de Vladimir tende a trazer argumentos para que pensemos a história política moderna e contemporânea da Rússia que, com a participação e o apoio constante da igreja, “mesmo abrindo-se a partir do século XVIII a influências ocidentais, mantém-se até hoje atrelada a fortes regimes centralizados” (TAVEIRA, 2009: 61).

Referências bibliográficas

- CROSS, S. H.; SHERBOWITZ-WETZOR, O. P. *The Russian Primary Chronicle*. Cambridge: Mediaeval Academy Of America, 1968.
- FRANÇA, Júlia Lessa et al. *Manual para Normalização de publicações Técnico-Científicas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- KAZHDAN, A.; TALBOT, A.-M.; CUTLER T. E., A. GREGORY, T. E. e SHEVCHENKO, N. P. *ODB. The Oxford Dictionary of Byzantium*. 3 volumes. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1991.
- MARTIN, Janet. *Medieval Rússia: 980-1584*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MORAVCSIK, Gyula, (Ed.) & Jenkins, R. J. H. (Tr.) *Constantine Porphyrogenitus. De Administrando Imperio*. Washington D. C. : Dumbarton Oaks, 1993. 341p.
- NOONAN, Thomas S. "European Russia c.500-c.1050. In REUTER, Thimoty (Ed.). *The new Cambridge medieval history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

- PIPES, Richard. *Russia under the Old Regime*. London: Penguin Books, 1977.
- POPPE, Andrzej. “The Political Background to the Baptism of Rus’: Byzantine-Russian Relations between 986-89”. In: *Dumbarton Oaks Papers*, Vol 30 (1976), pp. 195-244. Washington: Dumbarton Oaks, Trustees for Harvard University. Disponível em <http://www.jstor.org/stable1291395> , acessado em 27/07/2009.
- PORTAL, Roger. *Os eslavos: povos e nações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1968.
- RAUSCHENBACH, Boris V. *O batismo de Kiev: o nascimento de uma nação* O Correio. N. 8 Ano 16 Agosto 1988. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- SEWTER, R. A. (Tr.) *Fourteen Byzantine Rulers: the Chronographia of Michael Psellus*. London: Penguin Books, 1966.
- STEPHENSON, Paul. *Byzantium’s Balkan Frontier: A Political Study of the Northern Balkans, 900-1204*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TAVEIRA, Celso. *Da primeira à terceira Roma. A commonwealth bizantino-eslava e seu impacto na formação da Rússia*. 2008. Relatório de Pós Doutorado – Universidade Estadual Paulista/ Campus de Assis.
- ZALDUENDO, Eduardo A. *Las seis Rusias: Sociedad, política y economia*. Buenos Aires: EDUCA, 2003.